

TRAVESSIA NARRATIVA: “NATAL NA BARCA”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Claudinéia Feitosa¹
Dra. Elisabeth Battista²

RESUMO: Este trabalho propõe um estudo da narrativa “Natal na Barca”, de Lygia Fagundes Telles, onde o universo ficcional da narradora estabelece diálogos oriundos do imbricamento entre o suspense e o mistério, na medida em que revisita a metáfora grega, poética e curiosa – “A Barca de Caronte”. Inserido na obra *Antes do Baile Verde*, da referida autora, publicado em 1958, a narrativa por meio da representação artística, coloca em cena personagens femininas dando-lhes voz para exteriorizarem os seus dramas e sofrimentos, em meio a uma sociedade regida por princípios autoritários. A construção textual da narrativa investe no passeio pela temática da “travessia”, no espaço suspenso entre a vida e a morte, tornando-a instigante para o leitor. Assim, o intenso investimento na ambiguidade por parte de sua autora, qualifica a ficção, colocando tanto a obra quanto a sua autora em lugar de relevo, na medida em que confere certo refinamento estético à cena literária.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa, Personagem, Antes do Baile Verde, Lygia Fagundes Telles.

ABSTRACT: This work proposes the analysis of the narrative fabric of the story "Christmas in the boat" by Lygia Fagundes Telles entering the universe of fictional narrator establishing dialogues from the overlapping between the mystery and suspense fiction. The tale is inserted in the selected works *Before the Ball Green*, said the author, published in 1958. Through artistic representation, the author rescues the female characters of isolation and gives voice to exteriorize their dramas and sufferings amid a society of principles inherited from the authoritarian patriarchy. The organization selected textual narrative authored by Lygia Fagundes Telles bet on the theme of the passage from death to life and lights this dimension of narrative ambiguity of fiction qualifying putting into relief the space that writers are winning signaling to the aesthetic refinement literary scene.

KEYWORDS: Narratives, Fictional Universe; Female Characters.

¹ Mestranda em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – UFG. Especialista em Estudos Literários, pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

² Docente no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Brasil. Pós-doutora pela Universidade de Lisboa – UL.

INTRODUÇÃO

*Por muito tempo, os homens disseram o que é ser mulher.
Agora nós é que vamos dizer quem somos.*
Lygia Fagundes Telles

A presença da mulher na literatura percebida, sobretudo em meados do Século XX, oportuniza uma breve reflexão sobre sua trajetória, no conserto das vivências para a sua inserção na cena literária, na condição de autora.

De acordo com Perrot (2005, pág. 317), “a voz das mulheres é um modo de expressão e uma forma de regulação das sociedades tradicionais onde predomina a oralidade, (...) ela é da ordem do coletivo e do informal, ela é proferida no boca a boca da conversa familiar, na melhor situação possível, (...)”.

Segundo registros historiográficos, desde a origem dos tempos, a mulher tem sido peça-chave na fundação de mundos e na organização ou mesmo equilíbrio de qualquer sistema social. Na Pré-história da humanidade, as mulheres viviam em tribos nômades cuidando coletivamente dos filhos. Não havia noção de família e nem dos bens como propriedade privada. No Antigo Egito, verifica-se uma visão mais institucionalizada, na medida em que esta aparece em alguns textos chamados de Instruções de Sabedoria, neles se estabeleciam a maioria feminina, que quando atingida liberava a escolha do marido mediante o consentimento paterno. Já na sociedade grega do Período Clássico, como sabemos, não se permitia o acesso da mulher ao saber, desvalorizando tudo que dizia respeito a ela, inclusive a beleza. Na Idade média temos algumas mulheres se tornando líderes no mercado de trabalho. Paris, no fim do século XIII, mostram multidão de mulheres exercendo funções: professora, médica, boticária, estucadora, tintureira, copista, miniaturista, encadernadora, etc. E assim segue a história.

No Brasil, com a chegada dos portugueses, a mulher que cá veio, segundo registro, parece que gozou de relativa liberdade frente à opressão em que viviam as mulheres na Europa. Isso porque estavam em número bastante reduzido; e, portanto, valorizado. E as mulheres da classe menos privilegiada, que não estavam destinadas a se casarem com os homens com algum tipo de posse ou riquezas, tinham que trabalhar para sobreviver, poderiam ir e vir à hora que bem entendessem, poderiam escolher seus parceiros, o pai de seus filhos, se queriam ou não continuar vivendo com quem estavam. E isso se dava enquanto a vida social ainda não estava regida pela ideologia religiosa; portanto, a sociedade daquele período parece ter sido mais flexível.

Avançando um pouco mais, verificamos que, ao desenhar novas possibilidades e relações de trabalho, a Revolução Industrial trouxe também novas formas de exploração das forças produtivas. O contrato de compra de mão-de-obra era feito com os homens chefes de família, e dizia respeito ao cumprimento de metas. Era usual que homens levassem os filhos, mesmo crianças, e mulheres para garantir o cumprimento das tarefas. Contudo, eram eles que recebiam o pagamento.

Desse modo, o início da Segunda Guerra Mundial coincide com um período de intenso chamamento das mulheres ao mercado de trabalho, para suprir as vagas dos homens que estavam no *front*. Assim a oferta de equipamentos que permitissem à mulher acumular tarefas domésticas, cuidado com os filhos e trabalho intensificou-se ainda mais. Com isso, popularizaram-se creches, eletrodomésticos, lavanderias. A partir daí a mulher qualifica-se para garantir a produção. Dando início as campanhas pela substituição do aleitamento materno por leite animal.

Com o fim da guerra, surge o regresso dos homens ao mercado de trabalho, o que exigiria o retorno das mulheres ao "lar". Ocasionalmente desse modo, amplas campanhas de valorização da "feminilidade", ou seja, a volta da definição incisiva de papéis e divisão de tarefas por sexo. A maternidade volta a ser estimulada, e a disputa pela hegemonia mundial entre o bloco capitalista e o bloco soviético tentava transformar quaisquer reivindicações das mulheres em suspeitas de "comunismo".

Já no século XX, vimos a mulher retomar seu antigo papel, voltando a ter participação ativa na sociedade encontrando seu espaço, através de muita luta para adquirir e ver reconhecidos os seus direitos como cidadã, como trabalhadora, como mulher, como companheira e como mãe.

Como vimos, em seu percurso, a mulher se destacou pela sua contribuição em todos os momentos históricos. A questão agora é verificar um caso particular em que a mulher se destaca pela contribuição à Literatura Brasileira, na condição de ficcionista. Para tanto nos reportaremos à obra *Antes do Baile Verde*, de onde colhemos uma narrativa exemplar intitulada *Natal na barca*, de autoria de Lygia Fagundes Telles, que passaremos a analisar.

Travessia Narrativa – Imagem de Mulher

A intensa produção literária das mulheres, sobretudo a partir de meados do Século XX, vem exigindo redobrada atenção por parte da crítica contemporânea. Mediante importância dada a esse inovador material de reconhecido valor literário, nos voltaremos para a presença feminina na literatura contemporânea. A reflexão, longe de comparar a produção de autoria feminina com a masculina, o que seria uma discussão pouco pertinente e inócua, vai além, na medida em que a qualidade estética não pode ser mensurada com base em meras questões sexuais ou sociais, e o valor literário conferido à obra independe da questão do gênero (masculino X feminino).

Desse modo, interessa-nos a verificar a presença da mulher na literatura brasileira contemporânea, no que diz respeito à produção literária e crítica, na qual vem se destacando desde os anos 70, seja pela sua produção criativa, seja no âmbito da literatura infantil juvenil e porque não dizer também no que se refere ao âmbito da africanidade. De acordo com Nelly Novaes Coelho:

Já não há dúvidas de que na base das mudanças que dia a dia alteram o mundo herdado do passado esta a gravidade e crescente mudança dos conceitos que definiam social, econômico e politicamente, as figuras da mulher, de a criança, do jovem e das chamadas raças 'inferiores' (COELHO, 1993, p. 11).

Ainda segundo a autora, a partir de meados dos anos 70, “compreende-se o boom da literatura infantil brasileira, a crescente produção literária ou crítica da negritude e, principalmente, a força com que a literatura feminina vem-se impondo a crítica – como um fenômeno especial, a despeito das muitas vozes (inclusive de escritoras...) que veem nessa distinção mais uma discriminação”(COELHO, 1993, p. 11).

Começam então os primeiros passos da mulher rumo à escrita literária, sejam elas em forma de prosa ou poesia, em forma de romance de ficção ou mesmo nos famosos contos, embora sendo textos considerados curtos, são riquíssimos em detalhes. É interessante perceber aqui, não há competitividade entre homens e mulheres, mas sim descobrir o que é essa literatura escrita por mulheres, como ela se constrói e porque percorre determinados caminhos. Perceber como a mulher discorre sobre um determinado assunto do cotidiano, lembrando aqui, que também os homens escrevem sobre o cotidiano, mas reconhecemos que a mulher parece ser dotada de um olhar detalhista sobre o que se passa à sua volta, talvez isso possa ser atribuído, em parte, à sua desenvolvida sensibilidade e fina atenção aos pormenores.

A mulher atual está preparada, amadurecida, consciente. Sabe o que quer e aonde quer chegar. De modo, que todo esse amadurecimento só poderia resultar em uma literatura mais arraigada, engajada, ou seja, a presença cada vez mais nítida de uma nova consciência feminina que tende, a crescer com mais força e lucidez, rompendo assim os limites do seu próprio tempo e por que não dizer, com o seu próprio eu poético.

É nessa linha de pensamento que enfatizaremos a importância que a literatura escrita pelas mulheres vem assumindo desde meados do século XX. Lendo um trecho do depoimento de Lygia Fagundes Telles, apresentado na França, Sorbonne (Paris, 1993), cedidos pela autora para leitura no Seminário Mulher e Literatura, temos:

A criação literária. E o escritor que pode ser louco mas não enlouquece o leitor, ao contrario, pode até desviá-lo da sua loucura. O escritor que pode ser corrompido mas não corrompe. Que pode ser solitário e triste mas ainda assim vai alimentar o sonho daquele que está na solidão (1999, p. 21).

Atualmente percebe-se o crescimento de novas vozes tanto no âmbito das artes como nas das ciências humanas: *vozes de mulheres, de crianças e de negros, o que até a metade do século XX era difícil perceber*. Também seja possível perceber a olhos vistos o crescimento de grupos engajados na valorização da mulher e da negritude, na literatura, nas artes e na cultura em geral. Constata-se que desde o início do século XX a literatura feminina, aquela escrita por mulheres, vem se impondo à crítica como um fenômeno que tem atraído a muitos e que enlaça o olhar/prende a atenção? de quem a prestigia. Isso se dá devido às grandes transformações sociais que vem ocorrendo no mundo feminino e que por sua vez, atingiram as bases do sistema político no mundo civilizado, de estrutura machista, que vem desde os nossos antepassados.

A crítica tem se ocupado em definir o que é essa literatura feminina, como se constrói e porque trilha determinados caminhos. Tentar enxergar as possíveis transformações da imagem feminina na literatura atual é indagar como essa escrita marca a presença da mulher na história e na cultura do tempo em que ela se manifesta. Sobre esse assunto a crítica Nelly N. Coelho assim se manifesta:

Podemos dizer que um caminhar atento pelos meandros da produção feminina mostra-nos que, na cultura endocêntrica que esta na base da nossa civilização, a mulher foi sempre o diferente que precisava ser domado ou neutralizado pelo “igual” (COELHO, 2000, p.90).

Percebe-se, ao analisar o contexto histórico no qual a mulher sempre esteve inserida, a razão pela qual tenha enfrentado adversidades e barreiras que ela teve que superar para alcançar um espaço privilegiado, até então restrito aos homens.

Vale ressaltar que a autora, hoje uma das grandes presenças da Literatura no Brasil, Lygia Fagundes Telles, foi agraciada com o Prêmio Camões de Literatura, em 2007. Escritora de linhagem humanista inicia desde muito cedo, ainda na infância, o interesse pelo lado oculto, dramático ou trágico dos destinos humanos, que é a essência de sua arte narrativa. Ainda na adolescência, Lygia, seduzida pela escrita literária, publica os contos de *Porões e Sobrados* (1938). Porém sua estreia oficial se dá com os contos *Praia Viva* (1944), no mesmo ano em que Clarice Lispector também estreava com *Perto do Coração Selvagem* – duas vozes femininas bem diferentes entre si, mas semelhantes na tarefa que assumiram como escritoras e intelectuais: testemunhar a condição humana, nesse nosso mundo de transformação (Coelho, 2002, p. 387).

Outra ressalva diz respeito ao modo de escrever da autora Lygia Fagundes Telles, que aborda em seus contos, acontecimentos do cotidiano, num estilo claro, direto, breve e conciso, predominante em sua prosa narrativa dos anos 1940 e 1950. A autora ainda apresenta em suas obras alguns aspectos, tais como: *o desencontro entre eu e o mundo, entre a aparência do real e sua*

verdade oculta; a hipocrisia social; o drama da rejeição que engendra seres acossados pelo medo e pela solidão sem saída, dentre outros acontecimentos do cotidiano. Para atenuar toda essa problemática, a escritora tem como marca registrada em suas obras a leveza, a suavidade, a sutileza com que desenvolve a sua escrita narrativa. De acordo com Nelly Novaes Coelho, podemos constatar que:

Mestre na arte do suspense, Lygia é dona de um estilo *suigeneris*, misto de sutileza e força, escrita que mais sugere do que mostra. Daí a sedução com que aos poucos vai envolvendo o leitor, em uma certa atmosfera. Talvez esse seja um dos fatores mais significativos na construção de suas tramas: a atmosfera que emana dos seres e objetos ou que os submerge, deixando escapar pelos interstícios da narrativa a crueldade, a inveja, o ciúme, a solidão corrosiva... que se ocultam nas almas (Coelho, 2002, p. 387).

Como se pode observar, a escritora em sua construção narrativa, vem tornando-se uma exímia criadora de ambientes com ar de mistério, de modo a envolver o leitor num universo de suspense, fantasia e mistério, uma vez que a mesma nos sugere os caminhos a serem percorridos pelas personagens, mas que ao término de suas obras guarda o surpreendente desfecho de suas histórias. Como o ocorrido em seu conto *Natal na Barca*, que seduz, envolve e prende a atenção do leitor, do início ao fim, pois dá pistas, sugere situações, mas que ao final nos emociona e nos comove com o seu desfecho, na medida em que surpreende o leitor com a surpresa de um final inusitado.

As obras literárias de Lygia sejam elas contos, prosas ou mesmo romances, têm em si, o dom de enredar o leitor sua tessitura, que vai se prolongar em várias outras sedutoras personagens, embora vivendo distintas circunstâncias da vida. É o caso da personagem narradora presente no conto *Natal na Barca*, ninguém sabe quem é, aonde vai e de onde vem, sabe-se apenas que ela se encontra junto com os demais personagens, naquela embarcação. “É dessa sutil apreensão dos seres e coisas, que decorre a atmosfera desse universo. (...) É dentro desse mecanismo que vão sendo reveladas suas dramáticas personagens (...) criaturas marcadas pela agônica busca do sentido último da vida” (Coelho, 2002, pág. 388).

Em tais mecanismos, apontados pela escritora em suas obras, estão presentes os dramas vivenciados no dia a dia de pessoas, independente de sua condição social, política ou econômica. “Escritora em contínuo processo de depuração e temática, Lygia domina com igual maestria a arte de conto e do romance” (idem). Eis a razão pela qual me levou a escolher o conto *Natal na Barca*, de Lygia Fagundes Telles para realizar a análise comparativa da obra aqui citada.

A autora, por meio de sua narrativa, resgata as mulheres, numa tentativa, talvez, de romper com o seu isolamento e lhes dá voz para exteriorizarem os seus dramas e sofrimentos, em meio a uma sociedade de princípios autoritários herdados do regime do patriarcado.

O enredo do conto se passa em uma barca que faz a travessia de um misterioso rio, na noite

de Natal. Os personagens que compõem a história, além da personagem-narradora, um velho bêbado, uma mulher com um manto escuro que usara para cobrir a cabeça da criança que trazia aconchegada em seu colo. Depois de algum tempo de viagem, estabeleceu-se um diálogo entre as duas mulheres. Então, a narradora soube que a mulher perdera um filho e que fora abandonada pelo marido. A mulher contou-lhe também que estava naquela barca porque precisa levar seu bebê ao médico, pois a criança estava doente. A simplicidade e a fé da mulher do manto chamaram a atenção da narradora, que demonstrava ser uma pessoa aparentemente descrente. Em um determinado momento da conversa a narradora levanta o xale que cobre o menino e percebe que ele estava morto, surpreendida com tal constatação, opta por nada dizer à mãe. Estão todos embarcados, a narradora percebe que talvez possa ser tarde demais para buscar socorro à criança que parece não estar viva. Seu ímpeto é fugir dali, antecipando o trágico fim para aquela mãe abandonada pelo marido, como o filho adoentado. Ao aproximar o término da travessia, já na outra margem do rio, e o fim da viagem que poderia representar também o fim das esperanças para aquela mãe, a narradora só pensa em descer da barca o mais rápido possível e ir embora para fugir daquela situação. Há um suspense na construção narrativa. Contudo, o inesperado se revela, ao fim da travessia, o menino misteriosamente desperta. Ao acordar com como se estivesse simplesmente dormindo, a narrativa elucida o episódio do renascimento, na medida em que renascem as esperanças para mãe e filho, prenunciando um iluminado porvir.

O conto *Natal na Barca* escrito em 1958, explora as relações da fronteira entre vida, morte e ressurreição. A narrativa está permeada de mistério e instiga a imaginação do leitor. A construção da narrativa dá-se de forma linear, e tem como eixo temático o mistério e a força da fé, na medida em que a solução estética sinaliza a existência de milagres para o percurso dos desvalidos, ou seja, a confiança de que, a qualquer momento, o destino pode mudar e se resolver favoravelmente.

A barca, elemento de travessia, adquire um significado essencial neste conto. Ela pode ser tomada como uma referência ao isolamento e à exclusão de certos grupos sociais, posto que, além da narradora na condição de autora textual, nela encontrava-se um velho, uma mulher com uma criança no colo. As referidas personagens, ao figurar o centro da construção ficcional, cuja estrutura narrativa repousa suas bases numa sociedade de cultural patriarcal, remetem à tentativa de recuperar, via representação artística, aspectos da condição das entidades representadas, enquanto desprivilegiados. Um índice que confirma a afirmação pode ser notado logo na cena inicial. A construção apóia-se no advérbio de negação: “Não quero nem devo lembrar aqui por que motivo eu me encontrava naquela barca.” A organização textual remete a uma situação desconfortável, inadequada e constrangedora para a narradora, assim como para os demais integrantes, ou seja, o velho, a mulher e a criança. Outro índice é a rusticidade da barca, o índice temporal, a noite iluminada por uma lanterna vacilante. Em suma, todos na embarcação estavam privados de uma

travessia segura, tranquila, o que remete às condições desfavoráveis para a travessia a todos ali embarcados. No início do texto, a narradora salienta:

Não quero nem devo lembrar aqui por que motivo eu me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança no colo e eu (TELLES, 1998, p.177).

Nesse fragmento, ao procurar esquecer as razões que a levaram àquela barca, ou seja, ela busca ignorar os reais motivos que a induziram à sua segregação. Essa tentativa de apagar de sua lembrança o passado está vinculada à imagem negativa do meio onde se encontram: “Era uma noite gelada e negra” (TELLES, 1998, p.177). A expressão, enquanto material formal da construção narrativa faz emergir na mente do leitor o cenário desfavorável às referidas integrantes postos em cena.

Inicialmente, a mulher atrai a atenção da narradora. O conto chama a atenção para a força imagética da cena mediante a descrição que a narradora faz da mulher, pois nos remete metaforicamente à ideia fornecida pela passagem bíblica. A Bíblia, enquanto livro mais lido do mundo, parece fornecer matriz para a cena inicial, em que aborda a imagem da virgem Maria, mãe de Jesus: “A mulher estava sentada ente nós, apertando nos braços a trouxa de roupa que envolvia a criança. Era uma mulher ainda jovem e de semblante muito pálido. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura bíblica”. (TELLES,1998, p.177, *grifo meu*). À medida que vamos lendo o conto, é possível imaginar a comparação estabelecida entre a mulher do conto e a imagem da virgem Maria, e vai estabelecer uma relação de confluência temática mediada pela imagem recorrente na passagem bíblica do Novo Testamento, no decorrer da descrição do texto.

Outro aspecto que podemos evidenciar neste sentido é o caminho percorrido por José, Maria e o menino, no trecho que se refere à fuga para o Egito; “Depois que partiram de volta, um anjo do Senhor apareceu em sonho a Jose e disse: Levanta, toma o menino e a mãe e foge para o Egito e fica lá até que te avise. Pois Herodes vai procurar o menino para matar”. (MATEUS 2, 13-19). E assim o fez, levantou-se, José tomou o menino e a mãe, *de noite*, e partiu para o Egito. Podemos comparar a passagem da Bíblia à travessia que o barco faz na noite de natal: “A barçaça varara a noite”, lembrando aqui, que ao invés de barco, Maria estava montada em um jumento, mas que em ambos a viagem se dá à noite. Dando continuidade, “Era uma noite gelada e negra. E as águas do rio eram também geladas e negras como tinta, escorrendo obstinadamente por entre as árvores” (TELLES, 1998, p.177). Assim, podemos constatar que as palavras em destaque nos dão a ideia de sofrimento, angústia e medo. Medo pelo desconhecido, por aquilo que ainda estava por vir,

pois na noite escura não podemos ver o que tem pela frente, sem a claridade de um lume, ficamos enceguecidos.

Os fatos narrados aconteceram no Natal, durante uma viagem de barca. O cenário é medonho “[...] em redor tudo era silêncio e treva”; a embarcação era “desconfortável” “desataviada” e “sem artifícios”; a grade da barca era de “madeira carcomida” (TELLES, 1998, pág.177), o chão era feito de materiais já gastos pelo tempo de uso. “Ali estava os quatro, silenciosos como mortos, num antigo barco de mortos, a vagar na escuridão. Contudo estávamos vivos. E era noite de natal”. (TELLES, 1998, 178), todo esse sentimento estava compactuando com o estado de espírito da narradora-personagem. Percebam que apesar de todo esse lamento, a palavra “Contudo” vem amenizar aquela situação.

O motivo que levou a mulher a estar na barca é a urgência de levar o filho doente médico, –“Eu tenho fé. Deus nunca me abandonará.” (TELLES, 1998, p.180). A personagem, movida pela expectativa do encontro de uma solução satisfatória para as suas aflições, lança-se na travessia do seu rio de dificuldades e aposta na referida força para a mudança do destino do seu ente querido: o filho.

Por meio do diálogo estendido à mulher a narradora-personagem apresenta ao leitor, em *flash back*, ou seja, retrospectivamente, as tragédias e as vicissitudes pelas quais a mulher passou. Os episódios referidos são reveladores de índices desestruturadores para a personagem: a morte do primeiro filho, o abandono pelo marido. A mulher passa, então, a sonhar com Deus, a se coloca como ser necessitada da intervenção do sobrenatural para atravessar a noite escura que perdura sobre a sua existência, O decorrer da trama, a construção narrativa remete a uma relação dinâmica entre o real e o imaginário, entre o divino e o real. E, por meio da frase final, o leitor é surpreendido pelo inusitado que sugere a intervenção do divino, ao ver concedido à mulher o conforto que ela necessitava. Tenha sido ou não um sonho, por ter visto que o filho morto estava bem, a mulher, antes desalentada, quase sem razão para viver, animou-se, processando no seu interior uma mudança: a travessia da morte para a vida, mudando o tom do seu viver, intensificando a sua fé na vida.

Na construção ficcional, os fatos compositivos são fornecidos aos poucos, promovendo um clima de suspense e, desse modo, prende a atenção do leitor. Assim, a autora escreve seus contos, dando veracidade às suas histórias, ao mesmo tempo em que cria seus personagens, pois na medida em que o leitor vai lendo é impossível que o mesmo não se envolva emocionalmente, interagindo com a construção ficcional e a sua dimensão verossímil.

Observarmos no conto uma mulher atravessa o rio com o filho ao colo, sem que o leitor saiba, ou mesmo perceba, que a criança está realmente viva. O índice do entrelugar, do limiar entre vida/morte presentifica-se na construção narrativa. Ao final da trama a autora textual, Lygia projeta-

se na condição feminina ao instigar magistralmente o imaginário do leitor, apostando na força imagética da cena.

Outro elemento presente é a surpresa, a revelação inesperada. Como por exemplo, o ocorrido na hora em que a narradora percebe que a criança está morta: “[...] Sem saber o que dizer, voltei-me instintivamente para a criança e ergui a ponta do xale que lhe cobria a cabeça. Deixei cair o xale novamente. E fiquei imóvel, a olhar para o chão. O menino estava morto” (TELLES, 1998, p. 181). Nesse momento o leitor está tão envolvido com a leitura que ele chega a ter um choque, ao descobrir que a criança está morta. A narradora por sua vez, se vendo tão aflita, tenta se desvencilhar da mulher, para que ela, apesar de tantas desgraças em sua vida, não percebesse que o filho estava morto. Então, acontece o clímax surpreendente, para surpresa da narradora, como também do leitor, o desfecho da história é ainda mais revelador:

– Acordou o dorminhoco! E parece agora sem nenhuma febre. Disse-lhe a mãe.
- Acordou?! Disse a narradora abismada, com um sorriso indizível.
Inclinei-me, perplexa. A criança abriu os olhos- aqueles olhos que há pouco eu vira cerrados num sono que me pareceu eterno.” (TELLES, 1998, pág.182).

Ao invés do desespero aguardado pelo leitor, tem-se uma mulher feliz, sorridente, pelo fato da criança estar bem e sem febre. A mãe, aliviada e cheia de esperanças mostra o menino. A cena reporta-se ainda à ressurreição de Cristo, o menino, ao final da travessia desperta para a vida. No Novo Testamento vida e morte são superadas pela ressurreição. Este índice contrapõe-se a um outro fato composicional, não menos instigante que é o da narradora-personagem, que inicialmente se mostra um tanto quanto refratária (o), por alguma razão, não se sabe qual: “Eu queria tanto ficar só naquela noite, completamente só, sem lembranças, nem piedade. E eis que os laços - os laços humanos – ameaçavam me envolver. Eu os evitara, é certo Mas agora não tinha forças para rompê-los.” (TELLES, 1998, pág. 179).

No decorrer da narrativa o enredo vai se mostrando mais maleável, talvez devido ao espírito natalino que resplandecia naquela noite tão especial – o nascimento do menino-deus. Por fim, o que vemos no desfecho da narrativa é a fé no processo de transformação no destino do ser humano, na travessia como um processo que transmuta, mediado pela fé na ação de uma força mobilizadora, sobrenatural interagindo com os seres, devolvendo-lhe o direito de viver. A afirmação remete à passagem selecionada onde, outrora descrente, agora tocado pela fé, a narradora-personagem, finaliza dizendo: “Uma onda de calor aqueceu-me o coração. Quis falar. E meus lábios gretados mal conseguiram sorrir. – Então bom Natal! (TELLES, 1998, p. 182).

O conto, enquanto categoria literária, estrutura-se nas metáforas vida/morte/ressurreição, na medida em que remetem à questão da mulher, não só como aquela que dá a vida, posto que a referida personagem, na condição de mãe, já havia perdido um filho anteriormente. Neste sentido, a

experiência da perda irreversível remete à angústia ante a possibilidade de reedição da dor e da mutilação de sua condição de progenitora.

Ao encerrar-se com a chegada dos referidos viajantes em algum lugar, onde, após a travessia bem sucedida, marcada pela transposição da morte para a vida, mediada pela intervenção da força da fé inerente à condição humana, o conto coloca-se como portador da expressão de imagem relevante para a vida social e a condição feminina da criação humana.

Assim, para finalizar esta reflexão não poderíamos deixar de registrar uma certa confluência temática com a Barca de Caronte. Toda a movimentação narrativa pode, também, ser associada metaforicamente às manifestações artísticas e culturais gregas, na Antiguidade, os quais possuíam uma metáfora curiosa e poética sobre a morte. Para eles, o mundo dos vivos estava separado do mundo dos mortos apenas por um rio, o rio Aqueronte. A travessia de uma para a outra margem era feita pelo barqueiro Caronte, a quem cabia transportar a alma dos mortos. A barca de Caronte voltava vazia para buscar novos tripulantes. Numa repetição do imponderável mistério.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis, 15ª ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002. (pág. 386 a 389)

_____ **Literatura: Arte, Conhecimento e Vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____ **A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da historia**. Bauru- São Paulo: EDUSC, 2005. (Coleção Historia).

REIS, Livia de Freitas; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadete. (org) VII Seminário Nacional: *Mulher e Literatura*. Niterói, Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.

TELLES, Lygia Fagundes. **Natal na Barca**. In: *Antes do Baile Verde*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Webgrafia

Disponível em: <www.sagradomaria.com.br> (Acessado em 12/10/2009)

Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php> (Acessado em 12/10/2009)

Bibliografias Consultadas

BATTISTA, Elisabeth. **Do Ritual à Re(i) novação** – Uma leitura do conto “A imitação da Rosa”, de Clarice Lispector, *Diálogos Literários: Literatura, Comparativismo e Ensino*. In Agnaldo Rodrigues da Silva (org). – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. ISBN 978-85-7480-416-3

BATTISTA, Elisabeth. . **Literatura, imprensa e resistência em idioma fraterno**: Percurso de uma escritora viajante. *Revista da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*.VOL 1 N° 25 (2008), v. 1, p. 293-301, 2008.

BATTISTA, Elisabeth. . **Mulher em cena**: uma leitura de Maria Archer. In: Castrillon, Susanne e Carvalho, Elair de. (Org.). *Literatura Comparada: Literaturas Artes Fronteiras*. 01 ed. Cáceres: UNEMAT, 2006, v. 01, p. 61-72.